

MINISTÉRIO DA CULTURA,
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA,
CEMIG APRESENTAM:

CURTA CIRCUITO

MOSTRA DE CINEMA PERMANENTE

MAIO/JUNHO
2015

09



EDITORIAL

MUSICAL E ALGO MAIS

A música é uma comunicação de massa, ou, evidentemente, tem esse potencial, bem como a própria arte audiovisual tem este poder, e as duas se autoalimentam. A música em si precisa de menos recursos “técnicos” e consegue abranger mais. Se você assobiar, conseguirá se expressar e até identificar outros como você. Se fizer um batuque com qualquer objeto, também. Neste aspecto a música está “à frente” do cinema, pois com o próprio corpo uma pessoa pode se comunicar/interagir com outras. Se dançar, irá ampliar esta manifestação. Se algo acontecer que chame a atenção de seus ouvidos, o ser humano se dará conta da importância do som ou de sua ausência.

Nossa programação faz um recorte de estilos, bandas, grupos, movimentos musicais, artistas, cantores e representações, registrando imagens e sons dos discursos, da necessidade de falar/cantar. Uma busca permanente de chegar ao público como um todo, da demarcação de seu espaço, do direito a ele, da importância das raízes, de se saber quem é, e para quem foi feito tal manifestação artística.

Uma sessão de curtas abre a programação: *Os Mutantes* (Antônio Carlos da Fontoura, SP, 1970); *O mundo é uma cabeça* (Bidu Queiroz e Cláudio Barroso, PE, 2004); *Esculacho* (Marcelo Reis, MG, 2013); *Rota ABC* (Francisco César Filho, RJ, 1991). A seguir serão três longas: *A noite do Espantalho* (Sérgio Ricardo, PE, 1974); *Elas só transam no disco* (Ary Fernandes, SP, 1983); e por fim um “duo” das obras de Emílio Domingos: o longa *A batalha do passinho* (RJ, 2013) e o curta *Cante um funk para um filme* (em parceria com Marcus Vinícius Faustini, RJ, 2007).

Pegue o ritmo, solte a voz e nos acompanhe!

Cláudio Constantino

06 Programação

07 Locais de exibição

08 Sob a superfície
por Christian Bravo

12 Toda história que se conta tem mentira dentro
por Samuel Marotta e Natália Reis

15 Elas só transam no disco
por Luiz Joaquim

18 Dois filmes para o Funk
por Marcelo Reis

22 Ficha técnica

23 Créditos

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO

MAIO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

**ENTRADA
FRANCA**
EM TODAS AS EXIBIÇÕES!

Belo Horizonte/MG

11/05 - 19H

TOPOGRAFIAS O Suor Sonoro Da Juventude

Os Mutantes | Antônio Carlos da Fontoura, SP, 1970, 7'

O mundo é uma cabeça | Bidu Queiroz e Cláudio Barroso, PE, 2004, 17'

Esculacho | Marcelo Reis, MG, 2013, 22'

Rota ABC | Francisco César Filho, RJ, 1991, 11'

Bate-papo após a sessão com o crítico Christian Bravo.

Exibição em 35mm e em DCP.

Fonte das Cópias: CTAV e Cinemateca Brasileira. ENTRADA FRANCA!

25/05 - 19H

CLÁSSICOS BR A Noite do Espantalho

A noite do Espantalho | Sérgio Ricardo, PE, 1974, 100'

Bate-papo após a sessão com os críticos convidados Samuel Marotta e Natália Reis.

Exibição em DCP. ENTRADA FRANCA!

15/06 - 19H

CLÁSSICOS BR Elas só Transam no Disco

Elas só transam no disco | Ary Fernandes, SP, 1983, 88'

Bate-papo após a sessão.

Exibição em 35mm.

Fonte da Cópia: Cinemateca Brasileira. ENTRADA FRANCA!

29/06 - 19H

EIXO BR Emílio Domingos

A batalha do passinho | Emílio Domingos, RJ, 2013, 77'

Cante um funk para um filme | Emílio Domingos, Marcus Vinícius Faustini, RJ, 2007, 22'

Bate-papo após a sessão com o crítico Marcelo Reis.

Exibição em DCP. ENTRADA FRANCA!

Araçuaí/MG

29/05 - 19h

CLÁSSICOS BR A Noite do Espantalho

A noite do Espantalho | Sérgio Ricardo, PE, 1974, 100'

Bate-papo após a sessão.

Exibição em Digital. ENTRADA FRANCA!

26/06 - 19h

EIXO BR Emílio Domingos

A batalha do passinho | Emílio Domingos, RJ, 2013, 77'

Cante um funk para um filme | Emílio Domingos,

Marcus Vinícius Faustini, RJ, 2007, 22'

Bate-papo após a sessão.

Exibição em Digital. ENTRADA FRANCA!

Montes Claros/MG

30/05 - 19h

CLÁSSICOS BR A Noite do Espantalho

A noite do Espantalho | Sérgio Ricardo, PE, 1974, 100'

Bate-papo após a sessão.

Exibição em Digital. ENTRADA FRANCA!

27/06 - 19h

EIXO BR Emílio Domingos

A batalha do passinho | Emílio Domingos, RJ, 2013, 77'

Cante um funk para um filme | Emílio Domingos,

Marcus Vinícius Faustini, RJ, 2007, 22'

Bate-papo após a sessão.

Exibição em Digital. ENTRADA FRANCA!

LOCAIS DE EXIBIÇÃO

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE

Cine Humberto Mauro, Palácio das Artes

Av. Afonso Pena, nº 1537, Centro

MONTES CLAROS

Cinema Comentado

Sala Geraldo Freire - Prédio da Prefeitura,

ao lado da Câmara Municipal

Avenida João Luiz de Almeida, s/n

ARAÇUAÍ

Centro Cultural Luz da Lua

Rua Dom Serafim, nº 426, Centro

TOPOGRAFIAS

O SUOR SONORO DA JUVENTUDE

Sob a superfície

por Christian Bravo

As relações existentes entre a música e a paisagem urbana são o ponto fundamental desta sessão, mas é também no retrato intimista e fragmentado de seus protagonistas que parece residir um ponto de encontro entre os quatro filmes que compõem este programa.

Em *Os Mutantes*, Antonio Carlos da Fontoura acompanha o grupo de rock perambulando pela terra da garoa. *Esculacho*, de Marcelo Reis, investiga a tensão existente entre espaço público e a audição do funk por seus entusiastas. *O mundo é uma cabeça*, de Cláudio Barroso e Bidu Queiroz, é um passeio por Recife guiado pelos integrantes do movimento manguebeat. Mas é um plano belíssimo de *Rota do ABC*, de Francisco Cesar Filho, onde o grupo punk Garotos Podres canta, tendo por fundo a periferia operária, que torna impossível ao espectador fugir da coalisão imediata entre o concreto, a fuligem e a música que o acompanha. Em todos os filmes observamos a produção musical como uma resistência ao contexto social em que está inserido, seja da ordem do discurso ou da ação. Ouvir em alto e bom som o “proibidão” nas caixas de som acopladas aos celulares no ônibus lotado ao caminho de casa não deixa de ser um grito identitário tão forte quanto as “parabólicas na lama” de Chico Science. Essa resistência como toda que se preze traz o mais belo dos paradoxos. É tirar das entranhas da cidade que critica o combustível de sua afirmação cultural. A potência dos filmes reside justamente em mostrar um subsolo da representação do imaginário urbano acerca das respectivas cidades que os protagonistas ocupam.

Sob a superfície. Do espaço urbano, do concreto e das palafitas é que o punk paulista imprime seu sotaque, o manguebeat seus mangues, *Os Mutantes* a sua névoa distópica e o funk sua pungência discursiva.

O corpo e a cidade

«PODIA TER SAÍDO DE QUALQUER LUGAR DO MUNDO, MAS SAIU DAQUI...»

“Podia ter saído de qualquer lugar do mundo, mas saiu daqui...”

Chico Science

A Câmera de Antonio Carlos Fontoura está sempre colada ao corpo de seus personagens, seja em Rita Lee, Arnaldo Batista e Sérgio Dias, ou na cidade de São Paulo, personagem maior de seu filme *Os Mutantes*, de 1970. Acompanhamos o registro intimista dos Mutantes enquanto deliciosamente confundimos nosso olhar o tempo todo, dos personagens para o espaço em que se locomovem; e a potência da sequência em que Rita Lee perambula por um bar existe justamente por ela não se sobrepor ao registro de seus habitués. A montagem do filme de 1970, fragmentada e muito próxima do que vai vir a ser o videoclipe, guarda uma potência de registro do espaço tão forte quanto em *A Journey to Avebury*, de Derek Jarman, com a diferença dos protagonistas de Fontoura que espelham no registro da cidade o lugar que ocupam no imaginário pop.

O mundo é uma cabeça, diferente de *Os Mutantes*, de Fontoura, tem um olhar mais sociológico e menos intimista de seu objeto. Repleto de discursos sobre o movimento musical, sobre a cidade, sobre a relação entre tradição e releituras, o filme se organiza em três momentos: Os registros dos shows; entrevista com seus integrantes; e planos de cobertura de Recife. A opção por essa organização, pedagogicamente, nos sugere a imediata relação do manguebeat como movimento nascido de Recife, mas sob um movimento de caranguejos e alfaias universais, que fica bem explícita na fala de Chico Science: “Podia ter saído de qualquer lugar do mundo, mas saiu daqui...”.

Um passeio de carro pelas entranhas de Recife parece descortinar, junto ao discurso de Chico Science, a pele colada que o manguebeat teceu junto ao espaço urbano de Recife. Já o punk paulista é paulista, não é londrino, não é irlandês. É em ser paulista que reside seu parentesco com outros espaços. É em um verso rasgado como “Solitário em meio à multidão/sufocado pela fumaça/rodeado pelo concreto” como canta o vocalista Mau na música *Subúrbio Operário* cena que certamente figura como as grandes desta sessão — que o punk dos Garotos Podres se avizinha de outros punks das periferias, também operárias mundo afora. Rafael, 10 anos, operador de prensa, Mau, 25 anos, torneiro mecânico, Pipi, 16 anos, ajudante de pintor, todos eles trazem em suas cartelas de apresentação a ocupação do pai. Operários. Francisco César Filho é preciso ao optar por essas cartelas, que estreitam a relação do espectador, descolando assim, num gesto político, o sujeito da multidão abstrata.

Já em *Esculacho*, de Marcelo Reis, temos a pungente e confrontadora reivindicação dos jovens em ouvir suas músicas em espaço público; e isto é o que há de mais forte no filme. Discursos que inflamam, afirmam e reivindicam com toda a propriedade seu lugar de pertencimento são sempre acompanhados de planos dos espaços que os meninos frequentam. Ao registrar o fenômeno da popularização do funk e de dispositivos cada vez mais acessíveis de reprodução de áudio, Marcelo Reis opta por suprimir o rosto de seus personagens. Aqui não temos cartela, não temos nome nem profissão, são corpos imprecisos. Estamos diante de um filme que sobrepõe o discurso ao sujeito de sua enunciação. São arquétipos. Arquétipos esses que, de tão flagelados pelas impressões a eles imputadas, precisariam de um rosto em seus registros para que pudessem afirmar sua identidade, não como um X da favela, mas como o Luis, o Magno, O Thiago, o João.

ESTAS SÊSSÃO
OFERECE UM
OLHAR MÚLTIPLO
SOBRE AS METRÓ-
POLES, SEUS
ESPAÇOS, SEUS
IMAGINÁRIO, SEUS
REGISTROS E SUAS
POTÊNCIAS.» »

Oswald de Andrade em seu manifesto antropofágico de 1928 diz acerca da apropriação cultural perpetrada por nós sobre os europeus: "Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti". Todas as incursões do rock inglês, do miamibass americano, da psicodélica sessentista são apropriadas nesta sessão antropofágica por fenômenos culturais ímpares que trazem em seu bojo a resistência oswaldiana da deglutição. São filmes antropofágicos.

Esta sessão oferece um olhar múltiplo sobre as metrópoles, seus espaços, seu imaginário, seus registros e suas potências. O discurso progressista do empresário deslumbrado em *São Paulo S/A*, de Luis Sérgio Person, reproduzido no início de *Rotas do ABC*, nos faz lembrar dos espólios do progresso: Suas resistências e seus frutos.

11/05 Belo Horizonte/MG 19h

Os Mutantes | Antônio Carlos da Fontoura, SP, 1970, 7'
Uma brincadeira mutante improvisada por Arnaldo Dias, Sérgio Batista e Rita Lee. Os Mutantes, num dia único pelas ruas de São Paulo.

O mundo é uma cabeça | Bidu Queiroz e Cláudio Barroso, PE, 2004, 17'
O Mangubeat é um movimento que eclodiu no início dos anos 1990 em Pernambuco. E o filme mostra essa história e a trajetória do seu principal protagonista: Chico Science.

Esculacho | Marcelo Reis, MG, 2013, 22'
Um conflito auditivo no transporte público das grandes cidades do sudeste brasileiro: a popularização de dispositivos sonoros portáteis, o desconhecimento do espaço público e o funk.

Rota ABC | Francisco César Filho, RJ, 1991, 11'
Ensaio documental sobre os anseios e perspectivas da juventude moradora no subúrbio industrial do ABC paulista, ao som da banda punk Garotos Podres.

ENTRADA FRANCA!



CLÁSSICOS BR

A NOITE DO ESPANTALHO

“Toda história que se conta tem mentira dentro”

por Samuel Marotta e Natália Reis

“Este filme foi totalmente rodado em Pernambuco, nos cenários de Nova Jerusalém, maior teatro ao ar livre do mundo, onde anualmente, seguindo a tradição local, encena-se a PAIXÃO DE CRISTO”

Dessa forma o letreiro inicial nos apresenta aos elementos substanciais em *A Noite do Espantalho*. Em “Nova Jerusalém” o ‘nova’ toma uma dimensão icônica, uma vez que a mise-en-scène lisérgica do filme de Sérgio Ricardo faz da apropriação daquele teatro a céu aberto, fiel - até onde se sabe - à arquitetura descrita na Bíblia (e, claro, às adaptações pictóricas do mesmo lugar), uma espécie de Jerusalém revisitada, ou, re-revisitada. Isto porque o filme faz uso dos meios, sobretudo a espacialidade e figurinos do acervo do teatro, mas não prima por criar uma nova versão da Paixão de Cristo.

Nova Jerusalém aqui passa a ser propriedade sem nome do Coronel Fragoso e um meio hostil para os moradores que enfrentam a escassez de comida em função da seca e da ganância do coronel. Sob a constante ameaça de desapropriação surge a figura do vaqueiro Zé Tulão, que apresenta aos trabalhadores de maneira quase messiânica uma perspectiva de mudança. Ao desafiar a arbitrariedade do regime e se tornar objeto do afeto de Maria do Grotão, Tulão acaba por alimentar o ódio de Zé do Cão, um dos jagunços de Fragoso.

Coronel Fragoso

Horroroso, viúvo, velho, e “varrigudo”

Como dizia o bom Joaquim pelas ruas de Piancó

Fazendo chacota dele

Quando alguém dizia que em compensação

Ele tinha a casa mais bonita da cidade

Apesar desse resumo, *A noite do Espantalho* é um filme fraturado. A trama existe; junto a ela, conflitos, representados em camadas muitas vezes dentro do mesmo enquadramento. A primeira cena do filme é o mosaico ideal para pensarmos essas camadas: um boi sendo morto com uma machadada seca no crânio por alguém que



aparenta ser um trabalhador rural; um padre faz orações (inaudíveis) com uma Bíblia na mão; homem de muletas passa rapidamente; bem ao fundo, mulheres dançam com saias rodadas e participam de uma espécie de tourada humana. Tudo isso captado pela câmera na mão de Dib Lutfi que para na figura do coronel a anunciar a contratação de um jagunço.

A noite do Espantalho por todos esses rastros visuais não se apegava a nenhuma questão dada. O cenário compete sempre pela atenção; e a função evocativa da artificialidade tenta dar conta de tudo e ao mesmo tempo. As camadas, assim, se transformam num exercício performático. “(...) se o camponês encontrar no filme a sua própria forma de criação, ele vai entender muito mais o problema (...) o que me preocupa mesmo é ver se será ou não será entendido pelo homem do campo, pelo operário. O ideal é que em primeira instância fosse entendido pela população rural, porque é da vida dela que trata o filme” (entrevista ao jornal *Opinião*, de 02/09/1974, ano do lançamento do filme).

Sérgio Ricardo, ao conceber o projeto, tinha em mente que o filme só cumpriria seu ciclo de maneira satisfatória, por assim dizer, se houvesse uma identificação com o filme por parte dos trabalhadores. E, nesse sentido, o filme vai além da tentativa de comunicação direta; em outras palavras, acredita que tal encontro se dará a partir do momento em que a representação for criativa. *A noite*, portanto, predileciona mais a *forma de criação* e menos o *problema*. O que Sérgio chama de *entender*, talvez possa ser lido como sentir. *A noite* é uma *ópera do sertão*.

A noite do Espantalho é uma obra sui generis na história do cinema brasileiro e tem um filho bastardo. *Mais denso que o sangue*, de Ian Abé: sujeito resolve fazer um acerto de contas com o ator que interpreta Jesus nas comemorações da Semana Santa de Cabaceiras, interior da Paraíba. O tiro é disparado; inicia-se uma perseguição alucinante pelas estradas nos arredores da cidadezinha. Parte, assim como no filme de Sérgio Ricardo, de elementos estilizados, tanto nos figurinos quanto na maneira de filmar.

Vinte de abril de dois mil e quinze. Dia em que Claudio Cunha nos deixou. Tive a honra de ter sido seu filho em Lembranças de Mayo, do Flamingo. Contado diário e intenso de duas semanas que, sem sombra de dúvidas, foram das mais marcantes da minha vida e acredito que na vida de todos que passaram por ali. Vá em paz, querido!

25/05 Belo Horizonte/MG 19h

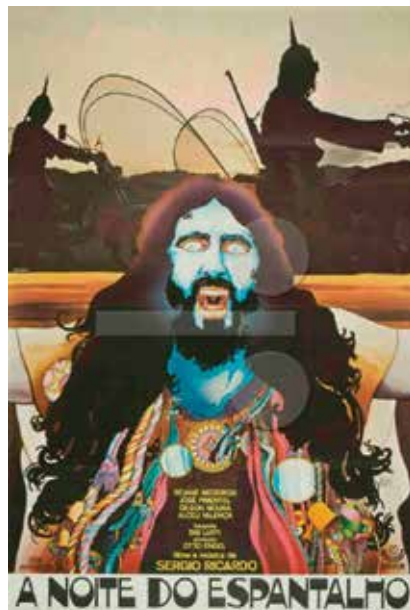
29/05 Araçuaí/MG 19h

30/05 Montes Claros/MG 19h

A noite do Espantalho | Sérgio Ricardo, PE, 1974, 100'
Cordel musical. O dragão vem comprar as terras do coronel, mas a quer sem os camponeses. A resistência só deixa uma saída: o extermínio, que fica a cargo dos jagunços do Coronel, um dos quais violenta Maria, que vem a ser o amor do vaqueiro que lidera a luta pela permanência do povo em sua terra. Tem início a luta com a morte dos resistentes e a prisão dos sobreviventes. Morrem o jagunço e o vaqueiro num duelo; e Maria em sua loucura os enterra como se fossem um homem só.

ENTRADA FRANCA!**16**

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 16 ANOS



CLÁSSICOS BR

ELAS SÓ TRANSAM NO DISCO

Por Luiz Joaquim

A pornochanchada, rótulo a princípio usado para caracterizar um volume gigantesco de filmes brasileiros realizados do final dos anos 1960 até meados dos 1980, parece ainda não ter encontrado hoje o status que merece como objeto de estudo crítico ou de pesquisa acadêmica.

A própria trajetória dos títulos que foram enquadrados dentro do gênero, com peculiaridades em consonância com a circunstância social-cultural em que eram realizados, já é digna de um texto que aponte estes filmes como um dos objetos de expressão mais autênticos da cultura brasileira. Funcionavam, em sua maioria, como um reflexo muito fiel daquilo que diz respeito ao comportamento livre, divertido e 'desencanado' do cidadão brasileiro naquele período; sendo o sexo, claro, o grande *leitmotiv* usado para contextualizar este desejo simples de viver ou de querer encarar a vida.

Num contraste para a época, contra a forte repressão militar sobre a produção cultural, as pornochanchadas apresentavam uma graça quase infantil, que na verdade era vista pela crítica daquele momento como grosseira, vulgar e apelativa. De fato, com a largada dada por *Coisas Eróticas* (1981), de Raffaele Rossi, sendo o primeiro filme nacional apresentando cenas de sexo explícito, a trilha ficaria aberta no país para explorar um filão com estas características nada nobres e já tão aproveitado pela indústria estrangeira de então.

«AS PORNO-
CHANCHADAS
APRESENTAVAM
UMA GRAÇA
QUASE
INFANTIL...»



«...A PALAVRA

DISCO FOI

A partir daí, em busca da garantia da boa bilheteria, as produções nacionais começariam a dar espaço ao *hardcore* e deixar de lado, assim, as invenções cômicas de uma narrativa pautada pela brincadeira libertadora para o desejo sexual, tanto masculino quanto feminino, diga-se de passagem. *Sim*, pois a mulher, de uma maneira vanguardista (para usar uma expressão antiga), também tinha voz aqui.

Alguns cineastas brasileiros, entretanto, mantiveram-se até o limite no propósito de propalar o espírito do humor ingênuo e destituído de preconceito da pornochanchada. E é nesse cenário que encontramos o raro *Elas só transam no disco* (1983), de Ary Fernandes (1931-2010).

Em 2014, este que é um dos últimos trabalhos dirigidos por Fernandes – sempre lembrado por ser o homem por trás da telessérie *O vigilante rodoviário*, nos anos 1960 na tevê Tupi –, ganhou novas exhibições no cinema por meio de uma cópia 35mm, em ótimo estado, da Cinemateca Brasileira.

Foram três sessões diferentes – em julho, na própria sede da Cinemateca (SP) com a mostra *Fantasia no Cinema*; em setembro, no Festival Farol, dos cinemas Dragão-Fundação (em Fortaleza); e em uma sessão especial, em outubro, no Cinema da Fundação Joaquim Nabuco (Recife) – que, revistas, ajudaram a confirmar alguns ricos aspectos marcantes da pornochanchada.

Um destes aspectos repousa na capacidade de produções assim – como que de uma forma antropofágica – apropriarem-se de temas de sucesso do cinema estrangeiro e adequá-los ao seu próprio universo. A começar pelo título original do filme que remetia tanto à cultura da *disco music*, das discotecas de tanto sucesso na época (impulsionado por *Os embalos de sábado à noite*, 1977, de John Badham), quanto ao mistério dos discos voadores e de invasores do espaço sideral, outro assunto quente em 1982, particularmente pelo colossal sucesso de *E.T. – O extraterrestre*, de Steven Spielberg.

Mas, de maneira irônica, conforme conta o próprio Ary Fernandes em sua biografia escrita por Antônio Leão da Silva Neto e publicada em 2006 pela Coleção Aplauso da

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, a palavra *disco* foi suprimida do título por determinação da censura militar, sendo lançado à época como *Elas só transam*.

No enredo do filme de Fernandes, o Dr. João (Rubens Pignatari), estressado delegado paulista, já inicia seu dia com a frustração de nunca conseguir chegar ao final do sexo com a esposa (Aparecida Castro). Isto porque os filhos não sossegam em casa, seja brincando de futebol, seja escutando música em alto volume.

Chegando à delegacia, Dr. João é informado de que as aparições de um disco voador em São Paulo têm provocado diversos problemas pela cidade. Mesmo torcendo para que o caso não chegue ao seu distrito, o delegado acaba enquadrando uma travesti (Kassandra Taylor) que se diz testemunha ocular e vítima, enquanto fazia seu ponto na noite, de um ataque de um E.T. com mais de três metros de altura e vestido com uma roupa prateada.

Cada vez mais irritado com seu péssimo dia, após literalmente cair na lama e depois saber que a sogra (Wanda Cosmo) vai passar uns dias em sua casa, Dr. João acaba por investigar e descobrir que o disco voador não passa de uma parafernália cenográfica montada sobre um carro. A invenção funcionaria como ápice para as filmagens de uma produção pornô dirigida por um cineasta (Felipe Levi) cada vez mais impaciente exatamente pelo sumiço do ‘disco voador’ com o figurante Grandão (Roberto Freitas) dentro dele.

Entre tantas sugestões satíricas que *Elas só transam no disco* apresenta a partir da infame situação é possível enxergar também alfinetadas comportamentais como os de uma assistente social cheia de argumentos politicamente corretos para tentar defender um jovem delinquente, mas só até descobrir que ele mesmo roubou o carro dela, um Monza, de prestações a serem pagas.

Ou da brincadeira do filho do delegado com uma prostituta – com quem protagoniza sexo em posições que comicamente desafiam a imaginação até do Kama Sutra – e, ao pagá-la, quer um desconto por ser estudante; ou ainda em cenas como a que a câmera do fotógrafo Hércules Barbosa praticamente lambe o corpo da travesti vivida por Taylor.

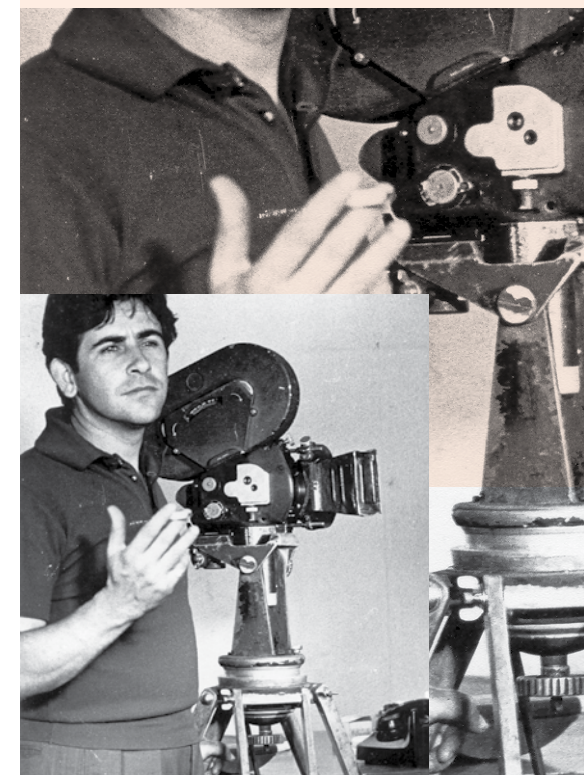
Pode-se dizer, com certa tranquilidade, que nenhuma mulher mostrada em *Elas só transam no disco* ganha um olhar tão cuidadoso sobre seu corpo como Barbosa o faz ao apresentar Taylor pela primeira vez ao espectador, correspondendo ao momento em que a personagem é também apresentada ao delegado João.

Num raro momento de ausência de diálogo do filme, a lente de Barbosa percorre o corpo (vestido) de Taylor em silêncio respeitoso como que querendo confundir o espectador. E mesmo com as piadas grosseiras que vêm na sequência este é, talvez, um dos momentos de maior admiração que o cinema brasileiro promove sobre o corpo de um travesti.

Curioso esse respeito do cinema brasileiro dos anos 1970/1980 sobre uma figura habitualmente marginalizada pela sociedade? Não, apenas mais uma lição entre tantas outras que a pornochanchada brasileira tem a nos ensinar.

15/06 – Belo Horizonte/MG 19h

Elas só transam no disco | Ary Fernandes, SP, 1983, 88'
Disco voador, visto em vários pontos da cidade durante a noite, deixa a população em pânico. Comédia erótica, roteirizada por Ody Fraga, sobre os bastidores de filmagem de um filme pornográfico de ficção científica. Ary Fernandes (1931-2010) foi diretor de um dos seriados de maior sucesso da TV no Brasil, o lendário *O Vigilante Rodoviário*.
ENTRADA FRANCA!



EIXO BR

EMÍLIO DOMINGOS

"Dois filmes para o Funk"

Por Marcelo Reis



Emílio Domingos não é novo no cinema. O cineasta e cientista social trabalha desde 1997 com Antropologia Visual, principalmente na área de cultura urbana. Como diretor, lançou nove curtas e dois longas-metragens, todos documentários, exceto *Pretinho Babylon*, ficção que codirigiu com Cavi Borges. Em seus trabalhos, a periferia carioca é unânime e a cultura funk se destaca. Essa sessão apresentará um curta e um longa que representam bem o olhar de Domingos.

«HISTÓRICO DOS
MCS DAQUELA
REGIÃO E
DAQUELA ÉPOCA.»

Cante um funk para um filme (2007) é um documentário metalinguístico realizado pela Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu e que tem a codireção de Marcus Vinícius Faustini. Utilizando faixas espalhadas pela cidade da Baixada Fluminense, o filme procura pessoas para cantar um funk para a câmera e esse processo de seleção de MCs acaba sendo o próprio filme, que se desenrola através de entrevistas. Crianças, adolescentes, adultos e até MCs que fizeram algum dinheiro e fama, como o caso do MC Neném, mantêm a mesma simplicidade e crença no Funk como ascensão financeira. Assim como no *Funk Rio* (1994), documentário histórico de Sérgio Goldenberg, o curta do Emílio Domingos evidencia muito certa precariedade dos ambientes e das condições de vida dos personagens. Mais de 20 anos depois e ainda com a mesma aparência suja, abandonada e afastada do restante da cidade dita maravilhosa. Visto hoje, o filme de linguagem simples e direta é também um registro histórico dos MCs daquela região e daquela época.

A batalha do passinho (2012) é um documentário sobre o fenômeno do passinho, uma vertente da dança da cultura funk, provavelmente iniciada em 2001, mas que explodiu apenas em 2008. Segundo alguns críticos e estudiosos, o passinho é a manifestação cultural carioca mais importante dos últimos dez anos. Ele é uma combinação de danças como o *break*, *popping* e *locking*, junto com danças tradicionais brasileiras, como samba e frevo. É quase sempre improvisado e sua marca de apresentação é o duelo dos dançarinos.

Para o registro dessa cultura, o filme acompanha a evolução da dança através de um grande concurso que acontece na cidade do Rio de Janeiro. Entre as batalhas, vamos conhecendo cada um dos dançarinos em suas vidas comuns, que pouco a pouco vão sendo modificadas através da internet, local básico de divulgação que lança anônimos adolescentes para um rápido estrelato pela cidade e para além dela. Sem dúvida, o grande responsável por essa febre é o YouTube, que possibilitou que cada dançarino gravasse seu solo em casa e colocasse na rede, que se responsabilizava de cruzar as fronteiras físicas e sociais presentes entre as diversas comunidades. O modelo de duelo acontecia especialmente ali, com cada um buscando mostrar seu estilo e até competindo no número de visualizações. Interessante que existe o mesmo processo memético típico da internet, em que cada um vê, copia, acrescenta e reinventa os passos do vídeo de sucesso do dia anterior.

«E, NESSA REDE DE REPLICAÇÃO, O DANÇARINO DE PASSINHO PASSA A SER UMA CELEBRIDADE...»

E, nessa rede de replicação, o dançarino de passinho passa a ser uma celebridade, e o filme mostra bem como essa arte se torna uma alternativa de vida. Chega a existir a fala sobre essa escolha entre o tráfico e a dança como as duas únicas possibilidades de destaque e respeito na comunidade. Um ponto curioso que o filme traz é como o passinho é definitivamente mais atrelado aos homens que às mulheres, que sempre foram o foco quando se pensa em dança no mundo do Funk. Fica evidente também toda a vaidade dos dançarinos e a preocupação de cuidar da aparência de forma até obsessiva. Uma cultura aparentemente machista, mas que, nesse recorte, tem homem com sua aparência e seu corpo como foco do olhar do público.

O documentário tem proposta de registro simples, baseada em entrevistas e nas próprias danças, e consegue prender o espectador com o avanço das batalhas e o revelar da personalidade de cada personagem. Eles são cativantes e reúnem em si o sucesso e a simplicidade da vida social e econômica que vivem. As danças não são apenas as dos registros das batalhas e dos vídeos que fizeram sucesso no início dessa febre, mas muitas delas acontecem para a câmera, como um tutorial, explicando a evolução da arte, literalmente passo a passo. Importante ressaltar que a obra não é voltada para quem gosta de Funk, sendo um documentário para todos os públicos, capaz de tocar qualquer um. É comum, inclusive, que o espectador acabe se afeiçoando especialmente por um deles, o dançarino Gambá, a quem o roteiro da vida real acaba reservando um final que choca o espectador a ponto de se ouvir a reação das

pessoas em todas as sessões de cinema do filme em que eu estive. A Batalha do Passinho já é um fundamental documento sobre a cultura Funk no Brasil e deve estar presente em estudos e debates sobre manifestações populares autênticas da contemporaneidade. No próprio filme há o registro do reconhecimento do passinho na mídia nacional e no exterior. Vale destacar que ele foi vencedor da Mostra Novos Rumos da Première Brasil, no Festival do Rio de 2012, e que tem percorrido dezenas de festivais pelo mundo, tendo sido lançado recentemente em DVD pela Osmose Filmes.



26/06 Araçuaí/MG 19h

27/06 Montes Claros/MG 19h

29/06 Belo Horizonte/MG 19h

A batalha do passinho | Emílio Domingos, RJ, 2013, 77'

O estilo de dança que cresceu nas favelas do Rio de Janeiro, o passinho tornou-se uma nova forma de dançar o funk carioca. Quando o vídeo de Beißola e seus amigos, "Passinho Foda", atingiu o número de quatro milhões de acessos no Youtube, os passinhos de Beißola começaram a ser reproduzidos nos bailes das comunidades. O documentário mostra a vida dos dançarinos e as proporções que o fenômeno atingiu, que se expande para além dos bailes, favelas e DJs.

Cante um funk para um filme | Emílio Domingos, Marcus Vinícius Faustini, RJ, 2007, 22'

Através de faixas espalhadas pela cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, procurando pessoas para cantar um funk para um filme, o documentário faz um registro sobre a importância subjetiva dos mais de 20 anos de funk carioca na vida das pessoas.



ENTRADA FRANCA!

14

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Mascote

CORREALIZAÇÃO

DOC Audiovisual
LE PETIT

IDEALIZAÇÃO

Associação Curta Minas/ABD-MG

COORDENAÇÃO

Coordenação Executiva

Cláudio Constantino

Coordenação de Programação

Daniela Fernandes

CURADORIA

Affonso Uchoa

PRODUÇÃO

Helthon Andrade

Produtores Locais

Elpídio Rocha (Montes Claros)
José Pereira (Araçuaí)

VINHETA

Alex Queiroz

PROJEÇÃO DIGITAL

FRAMES

COMUNICAÇÃO

Imprensa e Redes Sociais

LE PETIT – Comunicação Visual e Editorial

Designer

Naraiana Peret

Fotografia

VAL+WANDER Fotografias

LIVRETO/PUBLICAÇÃO

Coordenação Editorial

Daniela Fernandes

Designer

Naraiana Peret

Colaborador

Laly Cataguases

Artigos

Christian Bravo, Samuel Marotta,
Natália Reis, Luiz Joaquim
e Marcelo Reis



PATROCÍNIO



IF 1020/2012

Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte



A Melhor Energia do Brasil.



CORREALIZAÇÃO



PARTICIPAÇÃO



APOIO CULTURAL



APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

MASCOTE

Secretaria do Audiovisual
Ministério da Cultura



Realização

MASCOTE

producaocurtacircuito@gmail.com

+ 55 31 3284 9089

Rua Vítório Marçola nº 203, sala 10, Anchieta.

CEP: 30310-360 Belo Horizonte - MG.